

Um Rio Educado

Este número dedica-se ao exame de processos educacionais ocorridos no Rio de Janeiro, procurando privilegiar o estudo de diferentes agentes/instituições que, desenvolvendo estratégias heterogêneas, participaram (e participam) da configuração da educação carioca e fluminense. Na impossibilidade de recobrir o conjunto dos dispositivos que, submetidos a arranjos polimorfos, interferiram (e interferem) no curso da educação escolar, este dossiê privilegia algumas questões a partir das quais o fenômeno da escolarização pode ser compreendido. Trata-se de temas obrigatórios para o debate.

As relações Estado-educação-sociedade-religião remetem a tempos recuados e retornam, sob desenhos distintos, em diferentes espaços do presente. Neste dossiê, este assunto comparece em dois artigos. No primeiro, Riolando Azzi, por meio de uma espécie de censo da malha escolar de padres, explora a hipótese de que tal iniciativa objetiva prolongar, no terreno da instrução, alguns dos mais caros princípios que instauram a forma escolar religiosa no Rio de Janeiro. Hierarquia, ordem e disciplina compõem a espessura das regras que fazem funcionar a ordem religiosa que, na extensão, produzem marcas do modelo arquitetônico e pedagógico até as práticas mais ordinárias e rotinizadas da escola.

Por outro ângulo, Sandra de Sá Carneiro dedica-se ao exame do debate referente às novas estratégias de evangelização, detendo-se nas reflexões relativas às relações Estado-religião-escola, analisando políticas públicas da última década. Contribuem para o reconhecimento de que os novos dispositivos ativados pelas ordens religiosa e política não anulam a presença do componente religioso no tecido escolar, mantendo atualizado um velho recurso de fazer da escola um espaço bem determinado na difusão das crenças imateriais daqueles que se encontram no exercício do poder temporal.

Assim, ao analisarem o debate acerca do ensino de religião nas escolas públicas, discutem, no limite, uma espécie de variante da concepção teocrática do poder, segundo a qual não mais deveria haver distinção entre Estado e Igreja, devendo aquele funcionar como um órgão do poder espiritual.

As preocupações com a escolarização inicial da população comparam-se em três artigos. No primeiro deles, Alessandra Frota apresenta faces pouco lembradas da profissão docente no período imperial: a das mulheres-professoras primárias. Ao promover esta movida, aspectos da vida profissional dessas trabalhadoras da educação emergem, dando a ver, com a presença da mulher no ofício, sinais bem evidentes da mutação que então se operava rumo a feminização destas práticas e, ao mesmo tempo, torna perceptível as condições em que o trabalho docente se realizava.

O tema da mulher e de sua educação é retomado, a partir de outro recorte, no artigo de Ana Maria Magaldi. Com um foco no cenário da sociedade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, momento em que a educação feminina ainda era conduzida, em grande medida, a partir da ação da família e da mãe, e em que a leitura ocupava um lugar central, são analisados manuais dirigidos às mulheres. O caráter prescritivo e pedagógico desses textos são examinados, dando a ver as estratégias discursivas e editoriais empregadas para que os mesmos cumprissem sua função primordial de difundir e instituir um determinado modelo de mulher, fixando determinadas funções sociais, algumas ancoradas na natureza, outras na ciência. Destas funções, um acento é posto na atenção à criança, sendo encaminhados conselhos sobre sua educação e saúde, ora apelando-se para a experiência da própria autora dos manuais (uma mulher urbana, da capital, Julia Lopes de Almeida), ora para a cultura científica da época.

Heloisa Villela procura refletir acerca das condições e debates relativos à formação dos/as professores/as. Nessa direção, explora a hipótese de um deslocamento da formação pela prática para uma formação mais científica. Deslocamento que implicou em organização mais racionalizada das escolas de formação de professores, a partir do que são formuladas prescrições acerca do saber se portar, delineando um *ethos* para o ofício; de saberes a serem difundidos, configurando



conteúdos mais alargados e de procedimentos metodológicos para bem formar, apontando para uma ciência desta arte.

José Gondra e Daniel Lemos focam um aspecto pouco examinado no que se refere ao processo de escolarização no Império. Neste texto, por meio do exame de material inédito, põem em cena formas heterogêneas que permitem compreender algumas das reações da população carioca em relação ao modelo escolar e civilizado que esta instituição, em grande medida, representava (e representa). Nestes escritos coletivos, a escola primária aparece como necessidade, uma necessidade presidida pela idéia de “falta”: de instrução propriamente dita e também de suporte moral. Material que também é indício, pelas demandas que contém, de que a escola vai sendo cada vez mais afirmada como a instituição mais legítima para bem formar o povo.

As relações entre Estado e educação reaparecem em mais dois artigos. Yolanda Lobo e Lia Faria tematizam os impactos da fusão nos projetos educacionais. Os debates sobre "o grande Estado do Rio de Janeiro" e sua educação não foram encerrados com o ato jurídico-político da fusão, sendo esta a questão forte e necessária que estrutura e organiza a história deste "tratado", objeto da reflexão das autoras. Já Maria Emília dedica-se ao exame de políticas públicas para a educação na cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos, tornando visível os procedimentos empregados para instaurar um novo modo de administrar e de ensinar na rede municipal carioca. Flagra, deste modo, a adesão dos governos recentes a novas racionalidades de gestão empresarial da malha escolar, com impacto do funcionamento ordinário das escolas. Destaca também que tal ação vem associada a uma remodelação do componente pedagógico, chamando atenção para as mediações que, de modo geral, tais inovações provocaram na comunidade escolar.

Na seção Memória, reeditamos o texto de Ana Mignot, resultado de uma das primeiras reflexões acerca dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) ou “brizolões”, como também é conhecido. No artigo, o modelo de escola em análise, ele também, selo de um governo, é pensado a partir de seus elementos arquitetônicos, pedagógicos e políticos. Testemunho de uma época recente da história da educação na cidade e no estado do RJ, os CIEPs, segundo a autora,



sintetizam uma dada concepção de educação e delimitam um debate que envolveu a sociedade carioca e fluminense, despertando fascínio, perplexidade e rejeição.

Temos ainda uma homenagem a um dos educadores cariocas mais ativos do século XX. Caso estivesse vivo, Paschoal Lemme teria completado 100 anos em 2004. Aí ele reaparece sob dois registros. O primeiro é o da academia, em que Maria de Lourdes Fávero e Jader Brito reconstroem aspectos decisivos do percurso de Paschoal Lemme, o que também funciona como possibilidade de se acompanhar o debate de uma geração que viveu e lutou, com perspectivas diferenciadas, por uma escola mais justa e uma sociedade mais democrática. O segundo registro é produzido do interior da própria família. Neste caso, sua filha, Maria Lucia Lemme Weiss faz um depoimento, a partir deste lugar, dando a conhecer aspectos da existência privada de um homem cuja ação pública contribuiu para obscurecer esta dimensão tão importante da vida. Deste depoimento, o professor Paschoal emerge mais humanizado, mais próximo de cada um de nós, instituindo condições para sermos contemporâneos de sua geração, solidário com muitas de suas lutas que, lamentavelmente, ainda são as de muitos de nós.

Esta edição, como afirmado, recortou o fenômeno da educação por alguns dos ângulos em que o mesmo é tornado pensável. Educar via ordem escolar constitui-se em fenômeno heterogêneo, resultante de enfoques bem variados, o que faz com que a educação de cariocas e fluminenses desperte paixões fortes, algumas de larga tradição. Com isso, o antigo sonho de se ter um Rio educado pela escola repõe a velha questão: qual educação?, em que escola?

José Gonçalves Gondra